



2001

Orsini
/
Chauí

Depoimento ao *Jornal de Psicanálise*¹

Recém-saída dos ritos finais da formação, foi uma experiência extraordinária enfrentar o desafio de encabeçar a equipe editorial do *Jornal de Psicanálise*, de 2001 a 2004. Vivenciei uma grande alegria e também uma imensa aventura ao realizar essa travessia com os colegas da equipe, com os autores e leitores!

Felizmente tivemos a chance de contar com uma equipe brilhante e engajada, composta de membros filiados: Alice Arruda, João Augusto Frayze-Pereira, Leda Barone, Lourdes Yamane, Osmar Luvinson Pinto (como coeditor) e Sandra de Souza Freitas. Uma equipe orgânica, sendo meu trabalho mais o de um elo articulador da cadeia associativa do sonho do grupo.²

E qual era o desejo que animava nosso sonho? Fazer da publicação um foro de discussão de pontos nevrálgicos da formação, em íntima sintonia com seus impasses, com o intuito de oxigenar o debate em torno de seus sintomas, abordando e arejando diferentes caminhos. Para tornar efetiva essa ausculta fina, foi uma vantagem sermos quase todos candidatos.

Começávamos detectando os problemas pulsantes, naquele momento, na instituição. A partir da definição do tema, empreendíamos, animados, a composição “musical” do número, às vezes sinfônica, às vezes melódica, às vezes dodecafônica.

Partindo de quatro eixos – a entrevista, o debate, os artigos e reflexões temáticos, e os articulistas de outras áreas –, pretendíamos que os artigos a serem publicados dialogassem entre si, expandindo o tema em múltiplas direções. A par dos textos que nos chegavam, também estimulávamos vivamente a escrita

1 Agradeço o convite da equipe do *Jornal* para efetuar este depoimento.

2 Agradeço o apoio generoso de S. Schaffa e L. C. Menezes, para dar sequência ao legado deixado por ambos. Como também agradeço a Leda Barone e Alice Arruda, que deram sequência a todo este trabalho, na equipe editorial que nos substituiu.

dos colegas em formação. Continuávamos por incitar o envio de artigos de colegas considerados referência no tema em questão, seja de dentro, seja de fora da instituição, seja do Brasil, seja de outras partes do mundo.

Nosso “filé-mignon” era articularmos os artigos do tema em tela com artigos de expressivos nomes da cultura. Nossa intenção era, ao mergulharmos no mundo, *sairmos renovados, enquanto psicanalistas em formação*, e jamais propor um exercício especioso de erudição. Sempre nos preocupou manter uma perspectiva de liberdade, buscando constituir uma atmosfera contrária aos aspectos asfixiantes da formação.

Como exemplo do fruto do trabalho, gostaria de mencionar o número que versou sobre “O caso clínico, sua narrativa”.³ Esse tema brotou ao constarmos a inibição de muitos colegas para escrever o famigerado relatório, o que constituía um dos gargalos cruciais da formação, creio que até hoje.

Como fazer circular esta problemática? Como exemplo, chamamos a atenção para as experiências dos analistas seniores relatadas no debate. Havia um sintoma em nossa instituição – o relatório devia e não devia, ao mesmo tempo, ser desta ou daquela maneira, o que deixava uma mensagem paradoxal, qual seja, faça o relatório como quiser, mas considere o padrão institucional, padrão que, contudo, não se conhece ao certo.

Vale lembrar que, na entrevista a esse mesmo volume, Pontalis foi ainda mais longe; “é verdadeiramente muito complicado fazer estes relatórios, e digo frequentemente que os eminentes membros titulares são muitas vezes bem incapazes de fazer o que exigem dos candidatos”. O processo de recolocar nossos ícones no seu devido lugar, desidealizando-os, certamente favorecia uma distensão de nossas angústias para escrever.

Retomando o índice do volume 35, além da entrevista e do debate já aludidos, temos colegas contando seus casos, psicanalistas intra e extramuros refletindo sobre o tema da narrativa dos casos. Para se ter uma ideia de nosso orgulho na cultura, descobrimos Pasolini se deliciando ao ler os casos clínicos de Freud, quem diria? Ou, então, Walnice Nogueira Galvão revelando a importância seminal da correspondência de Guimarães Rosa com seu pai. Rosa rogava que ele lhe enviasse a narrativa de “causos”, tributários da tradição oral de Minas, fonte inesgotável de sua obra. Se Rosa pode transformar seu “pai”, por que não também nós? E o texto de W. Benjamim, reafirmando a ideia de que narrar é curar? Não é o que fazemos quando narramos?

Ao refletir sobre o papel do professor (mas que se aplica ao do supervisor, ao do didata e ao do coordenador de seminários), Marilena Chauí⁴ toca o ideal de formação, num ponto crucial do tornar-se analista: “o lugar do professor existe como *lugar vazio ... o lugar do professor está vazio, pois seu ocupante*

3 O volume 35.

4 M. Chauí. “Ideologia e educação”. *Jornal de Psicanálise*, 34 (62/63), 99-110, 2001. Em razão dessa posição diante da formação, fulcro do *Jornal*, é que escolhi este artigo para republicação.

ali se encontra para deixá-lo através de seu próprio trabalho”. E, numa feliz metáfora, prossegue:

o professor de natação não pode ensinar o aluno a nadar na areia, imitando seus gestos, mas leva-o a lançar-se na água, revelando que o diálogo do aluno não se trava com o professor, mas com a água. Seu diálogo é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, *simples mediador*. (grifos meus)

Enfim, como fruto de nosso trabalho, obtivemos o melhor resultado que poderíamos almejar: o *Jornal de Psicanálise* circulava, era manuseado, lido e discutido. Quem sabe tenhamos conseguido sustentar esse lugar vazio...

Cecilia Maria de Brito Orsini
Membro efetivo da SBPSP
ceciliaorsini56@gmail.com